

O que não sabemos sobre os negócios verdes da Amazônia

As explicações para a estagnação da bioeconomia parecem óbvias mas são frágeis e pouco embasadas em dados. Para avançar, precisamos de mais pesquisa sobre o que funciona, perguntando como e por quê.

Por Salo Coslovsky

Salo Coslovsky é professor na Universidade de Nova York e pesquisador do Projeto Amazônia 2030



Semana da Amazônia / Arquivo Pessoal

Negócios verdes são essenciais para o futuro da floresta amazônica e a proliferação de eventos, anúncios e iniciativas de fomento dão a impressão de que o setor é forte e cresce com vigor. A realidade, porém, é outra. Em 2024, o Brasil importou cacau da Costa do Marfim, dendê da Colômbia e látex da Guatemala. No total, essas compras custaram US\$539 milhões. Enquanto isso, a produção de frutas frescas como maracujá, banana e manga têm caído na Amazônia enquanto cresce no resto do país. É verdade que negócios da Amazônia exportam castanha, café conilon e pimenta do reino, mas parte expressiva desses lotes é destinada a países como Bolívia, Peru, Índia e Vietnã, que agregam valor e revendem o

produto para seus consumidores finais. No fim das contas, produzimos menos do que consumimos, o nível de sofisticação da base produtiva está em declínio, e viramos subfornecedores de países mais pobres do que nós.

O baixo dinamismo econômico da região é visível nas estatísticas de emprego. Como revela um relatório recém publicado pelo Amazônia 2030, de cada 100 residentes da Amazônia Legal, apenas 12 tem emprego formal no setor privado, e só três desses 12 têm diploma universitário (no resto do Brasil os valores são o dobro).

Diante desse cenário, proliferam diagnósticos e recomendações. É só levantar o assunto que a resposta vem certa: precisamos de crédito, regularização fundiária, estradas, assistência técnica, segurança pública, isenções fiscais, garantias de preço, apoio às pequenas e médias empresas, pesquisa e capacitação. Todas essas propostas são desejáveis. Nenhuma, porém, parece ser suficiente sozinha e por isso seus proponentes insistem que sejam oferecidas em pacotes integrados. Afinal, não adianta ter crédito se não houver assistência técnica, e não adianta ter ambos se não houver estradas.

O argumento é razoável mas leva a uma conclusão irracional. Se os governos da região tivessem a capacidade necessária para oferecer cada um desses recursos no tempo certo e na quantidade e qualidade desejadas, já estaríamos vivendo numa Suíça tropical.

Observei esse tipo de certeza quando fiz pesquisa de campo para entender como empresas da Bolívia dominaram o mercado internacional de castanhas. Sempre que descrevia minha pergunta a um novo interlocutor, recebia sua resposta imediata: "Ah, isso é óbvio". E, na sequência, cada um dava uma explicação diferente. Alguns diziam que o Brasil havia desmatado seus castanhais. Outros que a Bolívia tinha tratamento preferencial ao exportar para a Europa e os EUA. Ou que tinham grandes plantações de castanhas. Ou que mão de obra, transporte, energia e impostos eram mais baratos por lá. Ou que as empresas da Bolívia lavavam dinheiro do tráfico de drogas. Verifiquei cada uma dessas hipóteses e nenhuma se sustentou perante os dados.

Ao mergulhar no tema, descobri que a ascensão da Bolívia estava ligada à decisão da União Europeia de enrijecer as exigências sanitárias para a importação de castanha. Essa decisão criou uma crise para os produtores e cada país respondeu de um jeito diferente. Na Bolívia, empresas e governo conseguiram coordenar esforços para que todos empurrassem na mesma direção enquanto impediam a ação dos espertinhos que poderiam sabotar o esforço coletivo. No Brasil, cada um empurrava para um lado, muitos tomavam riscos excessivos que prejudicavam os demais e, por anos, o setor não saiu do lugar.

Quem me ajudou a enxergar essa realidade foi Albert Hirschman, graças a um livro em que ele argumentou que a ausência de ingredientes que parecem essenciais não costuma ser um problema real. Na prática, esses insumos são supridos pelo próprio processo de desenvolvimento. O verdadeiro obstáculo é a "confusão das vontades" que impede o processo de começar.

Para superar essa confusão, precisamos de uma visão compartilhada de onde queremos ir, construída a partir de histórias e modelos concretos, com os quais as pessoas conseguem se identificar. E quem fazia isso com talento inigualável eram pesquisadores como Judith Tendler (que foi aluna de Hirschman), Peter Evans e Alice Amsden. Ao invés de perguntar quais dados estão disponíveis ou como posso estimar o impacto de X sobre Y em ambiente controlado, eles perguntavam como e por que alguns conseguem avançar sob condições reais. Por exemplo, ao analisar o Polonordeste, uma iniciativa ambiciosa de desenvolvimento rural, Tendler perguntou como alguns projetos tiveram desempenho muito superior a outros, e por que os sucessos eram episódicos. De forma análoga, Evans comparou três países para entender como a Coreia conseguiu fomentar uma indústria moderna enquanto Brasil e Índia ficaram para trás. E Amsden investigou os Tigres Asiáticos para entender como suas empresas se tornaram líderes globais.

Hoje, esse tipo de pesquisa, que combina rigor analítico com relevância prática, é rara mas não por falta de material. Faz anos que o BNDES investe em restauração florestal e nas cadeias produtivas da Amazônia. Será que algumas iniciativas entregam mais resultados do que outras? Em caso afirmativo, por que? Na África, cerca de 20 países estão tentando criar uma "grande muralha verde" para impedir

o avanço do Saara. A Etiópia e o Níger parecem ter muito mais sucesso que Mauritânia e Senegal. Como podemos explicar essa diferença? E como o Vietnã, que tem PIB per capita de US\$5 mil e portanto metade do Brasil, conseguiu tornar-se uma potência da agricultura tropical?

Todas essas perguntas têm resposta. Mas respondê-las exige pesquisadores bem treinados e dispostos a ir a campo para investigar. Muitas entidades, incluindo filantropias globais e bancos de desenvolvimento como BNDES, BID e o Banco Mundial, têm dedicado verdadeiras fortunas para fomentar os negócios verdes. Antes de lançar mais programas, valeria a pena entender quais estão funcionando, por que, e como podemos usar essas lições para avançar muito mais.

Fonte: <https://www.estadao.com.br/economia/salo-coslovsky/o-que-nao-sabemos-sobre-os-negocios-verdes-da-amazonia/>